

LINGÜÍSTICA APLICADA E O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NO BRASIL¹

John Robert SCHMITZ²

- RESUMO: Procura-se neste trabalho apresentar um esboço de Lingüística Aplicada e o Ensino de Línguas Estrangeiras no mundo e também no Brasil. Conclui-se que a disciplina está em pleno desenvolvimento com contribuições pertinentes para o ensino e aprendizagem de línguas, além de outras áreas de conhecimento tais como língua pátria, ensino bilíngüe, tradução, alfabetização e letramento. Destaca-se no artigo o estado da arte em Lingüística Aplicada no Brasil que atinge no momento, especialmente no campo de ensino de línguas estrangeiras, a sua maturidade após vinte anos de atividade.
- UNITERMOS: Lingüística Aplicada; Teoria Gerativo-Transformacional; aprendizagem de língua estrangeira; fossilização; interlíngua; análise contrastiva; aquisição.

Nesta década de 90, a última do século XX, século esse que trouxe grandes inovações tecnológicas e mudanças sociais em todas as partes do mundo, cumpre historiar o desenvolvimento da disciplina de Lingüística Aplicada (doravante LA) no exterior e também no Brasil.

A finalidade deste trabalho é descrever o crescimento da LA, especialmente no que tange ao ensino de línguas estrangeiras no País frente à realidade socioeconômica no momento. Pretendo dividir este trabalho em duas partes principais. Na primeira, o meu objetivo é traçar o desenvolvimento da LA. Na segunda, resumirei a contribuição brasileira nesta área.

1. O desenvolvimento da LA

Alguns especialistas e pesquisadores na área de estudos da linguagem consideram a LA uma atividade recente, alguns deles atribuem quinze ou talvez vinte anos

1. Trabalho baseado numa comunicação apresentada no Grupo de Trabalho "Lingüística Aplicada: Ensino de Língua Estrangeira" no IX Congresso Internacional da ALFAL, UNICAMP, Campinas, de 6 a 10 de agosto de 1990.

2. Departamento de Lingüística Aplicada – Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP – 13081 – Campinas – SP.

à prática da disciplina. Segundo Pap (1972) a primeira ocorrência do termo "Linguística Aplicada" por ele encontrado data de 1947. Os lingüistas Voeglin e Harris (1947) consideram esta disciplina o estudo voltado para o ensino prático, a preparação de dicionários, estudo da criptologia e a elaboração de alfabetos para as diferentes línguas. O trabalho de Haas (1953) representa um momento específico no desenvolvimento da disciplina com ênfase dada à aplicação. Esta especialista faz uma distinção entre as três atividades seguintes: (i) o ensino de línguas, (ii) a aprendizagem de línguas e (iii) a descrição lingüística. Outra data que marca a maturidade da disciplina de LA é a de 1948, quando foi publicada pela primeira vez a revista *Language Learning: A Quarterly Journal of Applied Linguistics*.

A referida revista no volume 39, n. 3 de 1989, define LA como "A aplicação de método lingüístico e perspectiva filosófica a problemas que geralmente são vistos como fora das preocupações mais estreitas, mais tradicionais da lingüística propriamente dita".³ (1989)

Em 1963 inicia-se a publicação da revista *International Review of Applied Linguistics (IRAL)*. Em 1967, o editor da referida revista, o lingüista sueco Bertil Malmberg, considera a LA uma ciência nos mesmos moldes da Medicina Aplicada ou da Física Aplicada. Ele comenta com estas palavras:

(...) lingüística aplicada como ciência geral significa para mim as teorias e análises daqueles aspectos teóricos de linguagem e de comunicação lingüística que são básicas a estas atitudes diferentes. (1967, p. 2)

Courchêne (1981), num estudo do termo "Linguística Aplicada", diz que na história da disciplina existem três períodos ou momentos diferentes, a saber: (i) o período precursor 'pré-científico', (ii) o lingüístico (ligado ao trabalho de Bloomfield, 1933), e (iii) o contemporâneo (ligado ao trabalho de Chomsky, 1965).

A meu ver, a LA se encontra, no momento, num outro período, isto é, um quarto período, 'autônomo', não dependente totalmente da lingüística, aberto à influência de outros campos. Este período se caracteriza, por um lado, pela Teoria de Aquisição de Segunda Língua (cf. o trabalho de Krashen, 1975, e também de McLaughlin, 1990) e, por outro lado, pelo estudo de interação na sala de aula. (Lier, 1988)

Rodgers (1981) observa que LA inicialmente se referia à aplicação de conhecimentos advindos da ciência lingüística, mas na década de 1980 a LA abrange uma gama de interesses, tais como bilingüismo, aquisição de primeira e segunda língua, análise de erros, mensuração e avaliação do ensino, a linguagem dos deficientes auditivos, Sociolingüística, letramento e alfabetização, estudo do discurso oral e escrito, comunicação médico-paciente, tradução, linguagem jurídica e publicitária.

O último período citado por Courchêne (1981) está ligado ao trabalho de Chomsky, e é, de fato, o momento 'áureo' da aplicação deste em LA. Nem todas as aplicações, todavia, foram bem-sucedidas. O próprio Chomsky (1981, 1965) critica as

3. O autor do presente trabalho traduziu este excerto, como vários dos utilizados no decorrer do artigo. (N. E.)

tentativas de ensinar a Teoria Gerativo-Transformacional na escola secundária, citando como exemplo os livros didáticos da autoria de Roberts (1967). Chomsky comenta com estas palavras:

Pensei que o ensino da teoria gerativo-transformacional na escola fosse um tanto quanto duvidoso. O objetivo da série de Roberts era mais ou menos uma questão de ensinar truques formais.⁴ (1964, p. 60)

Uma grande polêmica sobre a utilização ou não da Teoria Gerativo-Transformacional (doravante TG) marca os anos 60 e 70. De um lado, têm-se os adeptos das aplicações desta teoria ao ensino, tais como Ritchie (1967), Kandiah (1970) e R. Lakoff (1969) e, de outro, os que criticam a aplicabilidade da referida teoria, como Lamendella (1969).

Mais recentemente, Slama-Cazacu (1983) também não considera útil para a LA aquelas teorias que encaram a linguagem como (a) uma entidade abstrata divorciada das contingências da realidade humana, (b) uma entidade autônoma (Hjelmslev, 1957), (c) uma teoria ligada a um falante/ouvinte ideal. (Chomsky, 1981, 1965)

Para Slama-Cazacu, o ser humano, o usuário e o aprendiz da linguagem, é o objetivo principal da LA, e esta ênfase no ser humano obriga a um embasamento na psicologia. A autora rejeita a psicolinguística baseada no behaviorismo e também na TG. Esta especialista faz um apelo para uma psicolinguística do tipo chamado por ela de "contextual dinâmico", que "postula que a parte essencial na definição do uso humano da linguagem é comunicação" (p. 268). A referida autora considera improcedente as 'aplicações':

Uma confiança cega nestas teorias lingüísticas levou a nada mais do que frustração para aqueles que tentaram adotar estas elaborações em lingüística aplicada. Mais de uma década se passou antes que, de modo geral, se percebesse que nenhuma teoria lingüística moderna é adequada para a lingüística aplicada e a própria lingüística não é suficiente.

O que é importante no trabalho de Slama-Cazacu (1983) é o fato de ela incluir a Teoria da Aquisição de Segunda Língua dentro da disciplina Psicolinguística. Para muitos indivíduos, a Psicolinguística abrange somente a aquisição da língua materna e não a de segunda ou estrangeira. Muitas vezes o que se inclui (ou o que se exclui) em LA depende de interesses institucionais ou preferências ou até de preconceitos pessoais.

Em certas instituições, o estudo da Aquisição de Linguagem é da alçada de um departamento de lingüística, ao passo que em outros estabelecimentos este estudo se encontra num departamento de psicolinguística. Todavia, quando se trata de Aquisição de Segunda Língua, via de regra, esta área 'pertence' à Lingüística Aplicada.

O mesmo pode ocorrer com as áreas de Análise do Discurso, Lexicologia e Tradução, pois para alguns especialistas estes três campos são áreas 'separadas'; para

4. No prefácio do livro de Roberts (1967), Chomsky tem outra opinião, pois ele elogia a tentativa de aplicar a Teoria Gerativo-Transformacional ao ensino de inglês como língua materna. Trata-se de uma mudança de opinião por parte deste lingüista.

outros, no entanto, elas são 'territórios' da Lingüística e/ou da Lingüística Aplicada. Sem dúvida, os estudos do Discurso na sala de aula são de interesse para a LA e também de interesse teórico para a Lingüística Geral.

Há, todavia, posições contrárias à de Slama-Cazacu. Newmeyer (1982) afirma que existem sete áreas de pesquisa lingüística que demonstram a utilidade da TG, a saber: (i) aquisição da linguagem, (ii) aprendizagem de segunda língua, (iii) variação lingüística, (iv) afasiologia, (v) erros (desvios da fala), (vi) a teoria métrica, (vii) o valor sociopolítico dos modelos de competência. Nem todas as colocações de Newmeyer nos parecem convincentes, pois meras aplicações nem sempre procedem. Muitos dos assuntos acima considerados por Newmeyer, tais como, (a) aquisição da linguagem e (b) variação lingüística, têm embasamentos teóricos e subsídios fora da TG, isto é, nos campos da Psicolingüística e da Sociolingüística respectivamente. Na área de Psicolingüística, tem-se o trabalho de Vygotsky (1978). Frawley e Lantolf (1985) vêem a aquisição e a aprendizagem não em termos da TG mas da ótica do referido psicólogo (ou psicolingüista) russo, ao passo que Preston (1989) vê a própria Sociolingüística como embasamento geral para uma teoria da aquisição de segunda língua.

Cook (1986), todavia, vê uma relação estreita entre a Teoria da Gramática Universal de Chomsky (1981) e a aprendizagem de uma segunda língua. Cook advoga uma "abordagem experimental" para o estudo da aquisição/aprendizagem de segunda língua, por ela definida como aquela que fornece dados "objetivos e quantitativos" para resolver questões específicas, tais como (i) a maneira pela qual falantes multilíngües aprendem uma outra língua e (ii) a aprendizagem de uma determinada estrutura sintática por parte de um determinado aprendiz.

Y. Kachru (1989) examina a LA e o ensino de línguas estrangeiras de uma perspectiva não-ocidental. Ela questiona os paradigmas estabelecidos na área de LA no que diz respeito à aquisição de segunda língua, pois noções como fossilização e interlíngua são vistas a partir de uma norma única, isto é, do ponto de vista das variedades de prestígio da língua inglesa – a britânica e a norte-americana. Um resultado deste preconceito é o fato de que a metodologia da LA e a própria Teoria de Aquisição de Segunda Língua são suspeitas para falantes do Terceiro Mundo, por não considerarem as diferentes variedades institucionalizadas do inglês na Ásia, na África e no Caribe.

B. Kachru (1989) também vê uma importante contribuição da LA no que diz respeito ao estudo das variedades do inglês no mundo. Qual é o papel destas variedades nas diferentes sociedades e a relação destas com as variedades de prestígio dominantes, especificamente, do inglês britânico e do norte-americano? O autor assim comenta:

Não vejo a lingüística aplicada divorciada das preocupações sociais de nosso tempo nem da necessidade de relevância às sociedades em que vivemos.

A publicação de quatro coletâneas na década de 1970 é salutar no campo de LA, pois mostra a importância dada à lingüística geral e à teoria lingüística durante o período. A primeira publicação é *The Edinburgh Course in Applied Linguistics*, de

quatro volumes – os três primeiros, organizados por Allen e Corder (1973), e o quarto, por Allen e Davies (1975, 1974, 1975a). Os outros três livros são: *Topics in Applied Linguistics*, de Wardhaugh (1974), *A survey of Applied Linguistics*, de autoria de Wardhaugh e Brown (1972), e *Explorations in Applied Linguistics*, de Widdowson (1979).

O *Edinburgh Course*, que consta de quatro volumes, fruto do trabalho pioneiro em LA no Reino Unido, acusa os seguintes títulos: *Readings for Applied Linguistics*, (Bloomfield, 1933) (vol. I), *Papers in Applied Linguistics*, (Allen e Davies, 1975) (vol. II), *Techniques in Applied Linguistics* (Allen e Davies, 1974) (vol. III) e *Testing and experimental analysis* (Allen e Davies, 1975a) (vol. IV). Este conjunto de livros contém trabalhos clássicos dos estudos lingüísticos que, de uma forma ou outra, nortearam nos últimos trinta anos a filosofia do ensino de línguas estrangeiras. Limitações de espaço impedem uma descrição pormenorizada dos quatro volumes; vale a pena, todavia, tecer alguns comentários sobre o primeiro. Dividido em sete partes, este volume mostra a ênfase dada na época da publicação à lingüística geral, vista como básica na formação da disciplina. Na primeira seção, intitulada “Várias visões da linguagem”, há trabalhos importantes que contribuíram para o desenvolvimento dos estudos da linguagem e o ensino de línguas, tais como os de Saussure (“*Language: a well-defined object*”), Firth (“*Personality and language in society*”), Skinner (“*Verbal behavior*”) e Chomsky (“*Language and mind*”). A segunda seção, intitulada “Funções da linguagem”, contém artigos verdadeiramente norteadores para a teoria lingüística e o ensino/aprendizagem de línguas, como, à guisa de ilustração, os trabalhos de Abercrombie (“*Paralinguistic communication*”), de Austin (“*Speech acts*”), de Halliday (“*A rich and adaptable instrument*”) e de Jakobson (“*Functions of language*”).

A terceira parte, que tem por título “Variedades da linguagem”, acusa o muito citado artigo “*Variety, dialect and language*”, de Ferguson e Gumperz. Na quarta parte observam-se trabalhos de Whorf, Fish e Carroll, todos voltados para o tema “Linguagem como sistema e símbolo”. Na quinta, que tem por título “Lingüística e o estudo da linguagem”, há trabalhos escritos por vários lingüistas britânicos, por exemplo, Allen e Lyon. A sexta parte deste primeiro volume do *Edinburgh Course in Applied Linguistics* contém artigos de Chomsky, Bloomfield, Hockett e Hjelmslev, todos voltados para o tema “Lingüística como estudo científico”. A última seção tem artigos diretamente ligados à LA de autores tais como Mackey, Halliday, Saporta, Corder e Chomsky, todos discutindo o tema “Lingüística e o Ensino de Línguas”.

O livro *Topics in Applied Linguistics* (Wardhaugh, 1974) evidencia a dependência, na época, da disciplina-fonte, a Lingüística Geral. Dividido em seis capítulos, este livro mostra a relação entre (i) linguagem e lingüística, (ii) lingüística e ortografia, (iii) lingüística e leitura, (iv) lingüística e o ensino de uma segunda língua, (v) lingüística e análise contrastiva, (vi) lingüística e variação lingüística.

O livro *A survey of Applied Linguistics* (Wardhaugh e Brown, 1972) é a terceira antologia publicada na disciplina de Lingüística Aplicada. Com artigos de vários pesquisadores, o texto apresenta trabalhos sobre assuntos e temas tão variados como (i) desenvolvimento lingüístico (Bloom), (ii) ensino de língua nativa (Malmstrom), (iii)

ortografia (Venezky), (iv) leitura (Weber), (v) aprendizagem de segunda língua (Richards), (vi) ensino de segunda língua (Rutherford), (vii) bilingüismo, (viii) dialetologia (Shuy), (ix) linguagem e sociedade (Lakoff), (x) literatura (Freeman), (xi) distúrbios lingüísticos (Whitaker e Whitaker) e (xii) avaliação e mensuração (Oller). Um dos co-organizadores da antologia, H. D. Brown, apresenta como capítulo inicial o texto intitulado "*What is applied linguistics?*". Este autor admite que é muito difícil definir o termo "lingüística aplicada", e assim descreve a disciplina:

A lingüística aplicada tem sido considerada uma subárea da lingüística por várias décadas, e tem sido geralmente interpretada como a aplicação de princípios lingüísticos ou teorias a certos assuntos mais ou menos "práticos". O ensino de línguas estrangeiras e o ensino de leitura, composição e letramento na língua nativa são áreas típicas de aplicação prática. Na tradição britânica, a lingüística aplicada é frequentemente considerada como sinônimo do ensino de línguas. Todavia, as aplicações da lingüística de fato vão muito além das preocupações pedagógicas. Mas o termo permanece irritantemente vago. (1972)

O quarto livro, *Explorations in Applied Linguistics* (Widdowson, 1979), é uma coletânea de artigos da autoria de Widdowson, por ele publicada desde o início da década de 1970. O Autor apresenta algumas de suas reflexões em áreas como Inglês Instrumental e Análise do Discurso. Cabe observar que Widdowson é um dos poucos lingüistas aplicados que considera a presença da literatura, especialmente de poesia, como um "elemento integrativo" no ensino de línguas, um subsídio valioso no desenvolvimento da competência comunicativa.

Widdowson define a disciplina como "(...) *a spectrum of inquiry which extends from theoretical studies of language to classroom practice*" (1979, p. 1). Estas palavras contrastam dramaticamente com a afirmação de Corder (apud Kaplan, 1980), que define a LA nestes termos:

A aplicação de conhecimento lingüístico a algum objeto ou lingüística aplicada, como o seu nome sugere – é uma atividade. Não é um estudo teórico. Ela se aproveita das descobertas dos estudos teóricos. O lingüista aplicado é um usuário ou consumidor, não produtor, de teorias. (1980)

Esta posição foi refutada em muitas ocasiões por vários pesquisadores. A posição de Corder é bastante infeliz, pois nega a possibilidade da disciplina ser teórica. Um dos principais trabalhos de Corder, *Introducing Applied Linguistics* (1973), é uma obra teórica. Pretendo mostrar mais adiante o grau de teorização alcançada pela LA.

Os dois especialistas europeus, a saber, Spillner (1977) e Gottwald (1977), publicam trabalhos importantes nos anos 70 que visam pormenorizar o papel da LA e sua função e relação com a Lingüística. Spillner afirma que muitos lingüistas aplicados têm receio de formular uma 'teoria' desta disciplina porque este termo, *teoria*, é erroneamente considerado como equivalente à lingüística teórica ou a própria teoria elaborada é vista como obstáculo para um trabalho prático; o Autor comenta que ainda é discutível se existe uma disciplina única e coerente intitulada LA ou se a referida disciplina consiste em muitas atividades separadas. O debate sobre a

existência de uma disciplina única ou de um conjunto de disciplinas não é, a meu ver, procedente, pois nenhuma área do saber tem uma única linha de pesquisa. A própria lingüística é formada por uma gama de subáreas e não é surpreendente que a LA seja igual neste aspecto. O autor comenta:

Embora a LA seja aceita como uma disciplina *per se*, não há um consenso geral a respeito do escopo de suas tarefas.

Spillner, no mesmo artigo, também comenta que o termo LA ou "Lingüística Aplicada" não é realmente convincente, pois é facilmente confundido com a aplicação da Lingüística. O referido autor, todavia, define a LA nestes termos:

A LA é aquela disciplina científica orientada para aplicação prática que contribui para a solução de problemas, tarefas e conflitos em todos os campos humanos nos quais a linguagem está envolvida.

Cumprido elencar, a seguir, os onze pontos que caracterizam a disciplina LA apresentados por Spillner (1977):

(i) a LA, pode ser caracterizada por um interesse específico numa área de pesquisa. A finalidade é prática e não é o conhecimento científico em si que é o alvo;

(ii) a LA pode ser caracterizada por uma orientação específica no cerne de suas análises científicas;

(iii) a LA, pode ser caracterizada por sua orientação na aplicação de seus resultados;

(iv) a LA por necessidade, é uma questão de várias disciplinas diferentes. Uma aplicação de categorias lingüísticas puras é impossível sem a ajuda de categorias e métodos não-lingüísticos. Por esse motivo, a parte lingüística da LA deve ser coordenada com outras disciplinas não-lingüísticas;

(v) as línguas vivas são quase exclusivamente os objetos da LA (em contraste com alguns domínios da lingüística teórica). Na maior parte dos casos, é questão de uma única língua ou de um número reduzido de línguas;

(vi) a LA trata principalmente da função comunicativa da linguagem;

(vii) a LA, antes de tudo, lida com o estado atual e projetivo da linguagem. Deste modo, LA ora é a análise de dados lingüísticos atuais, ora a modificação iminente dos mesmos (e. g. a aquisição da linguagem, terapia da fala, planejamento lingüístico) que é objetivo da disciplina. Em geral, reflexões históricas são de importância secundária;

(viii) na área de Lingüística Aplicada a preocupação com o caráter performativo da atividade lingüística é dominante;

(ix) a LA é caracterizada por uma relação especial entre atividades teóricas e empíricas;

(x) a LA é caracterizada por problemas específicos no que diz respeito à relação entre teoria e prática e a transferência em muitas etapas dos métodos e resultados envolvidos nela;

(xi) como questão de princípio a LA é aberta a novos temas e possibilidades de aplicação. Quanto aos problemas científicos tratados, a LA é uma disciplina aberta.

Spillner considera a LA como um campo de pesquisa interdisciplinar e sugere a seguinte representação (Figura 1) para o relacionamento dos vários componentes envolvidos no funcionamento da disciplina:

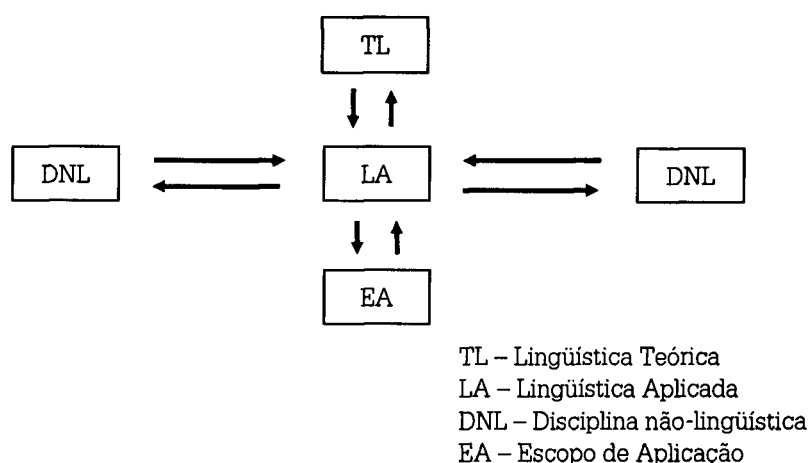


FIGURA 1 – Retirado de Spillner (1977).

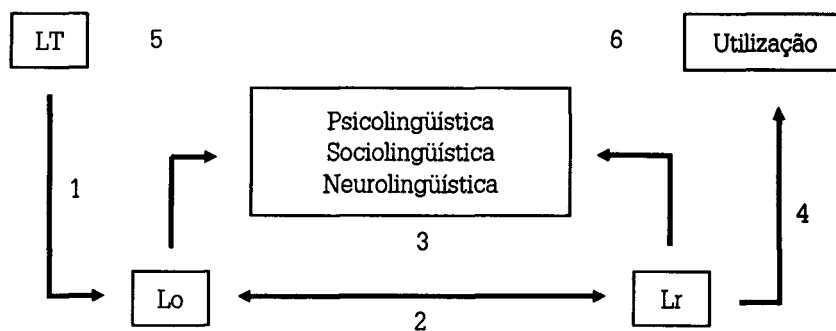
Cumprir fazer algumas ressalvas a respeito das colocações de Spillner. Quanto ao ponto (i) o Autor diz que a LA, cuja finalidade é prática, não tem como alvo o “conhecimento científico em si”. A palavra ‘prática’ não deve ser entendida como banal ou simples. Creio que tanto a Linguística Geral quanto a LA têm por objetivo o crescimento do conhecimento ‘científico’ em todas as suas áreas de interesse. Por exemplo, as teorias de Aquisição de Segunda Língua, uma subárea importante da LA, podem contribuir muito para os estudos da linguagem.

No que diz respeito ao ponto (ix), é preciso esclarecer qual é a relação entre as atividades teóricas e as empíricas. O que é uma atividade empírica? Estas não podem ser teóricas? A dicotomia “linguística pura” (Linguística Teórica ou Linguística Geral) e “linguística aplicada” não é feliz, pois dá a impressão de que a segunda não é teórica ou que não pode ser teórica.

Outra tentativa de explicitar os níveis de aplicação da LA se observa no artigo de Gottwald (1977); este autor faz um apelo para a autonomia da própria disciplina. Gottwald assim comenta:

Normalmente o estudo da aplicação e a aplicabilidade das ciências constitui um ramo autônomo de conhecimento. Disciplinas intermediárias têm de ser estabelecidas entre teoria e aplicação prática.

O referido autor apresenta uma esquematização que ilustra o modelo típico de LA que caracteriza a década de 1970 a 1980.



Lo – A linguagem como objeto bem definido da teoria lingüística.
 Lr – A linguagem como fenômeno observável no comportamento comunicativo.
 LT – Teoria Lingüística.

FIGURA 2 – Retirado de Gottwald (1977).

Observa-se que, nos dois modelos apresentados, o papel da lingüística é central. O modelo proposto por Gottwald especifica três disciplinas, Psicolingüística, Sociolingüística e Neurolingüística, que contribuem para a disciplina, ao passo que no modelo de Spillner nenhuma disciplina não-lingüística é especificada.

A década de 1980 inicia-se com a publicação do volume *On the scope of Applied Linguistics* (1980), coletânea organizada por Kaplan na qual vários especialistas apresentam definições a respeito do termo "lingüística aplicada". O que parece caracterizar o volume é uma visão da LA como tendo uma função mediadora entre a lingüística teórica e a prática. Buckingham e Eskey (1980), no mesmo volume, citam Anthony, que observa que um obstáculo para uma definição de LA é a consideração deste termo como uma espécie de antônimo de lingüística. Para Anthony (1980), a própria LA é parte da Lingüística Geral. Segundo o referido autor, a LA é

aquela porção do conjunto de conhecimento acumulado chamado Lingüística que os pesquisadores de uma disciplina diferente acham útil no exercício de seu trabalho. Ela é, assim, uma parte da lingüística, mas que varia, dependendo das necessidades de outras disciplinas à qual é aplicada.

Um livro importante publicado na década de 80 é *Directions in Applied Linguistics*, de Crystal (1981). A visão de LA por parte deste autor é uma das mais abrangentes, pois ele inclui trabalhos sobre distúrbios lingüísticos, leitura, tradução, estilística e literatura. O lingüista britânico aponta os caminhos para a LA que estão norteando a disciplina na década atual. Na introdução ao livro publicado em 1981, o Autor assim comenta:

Muito poucas descrições do comportamento lingüístico de alunos, pacientes, usuários de dicionários, leitores de traduções etc. têm sido realizadas em forma de relatos a respeito do que estes indivíduos fazem quando envolvidos na tarefa de utilização da linguagem.

Durante a década de 80 observa-se cada vez mais na literatura especializada uma crítica às aplicações da lingüística, chamada popularmente 'apliquês', isto é, a busca de recursos dentro da lingüística para a mera aplicação mecânica ao ensino. As aplicações de conhecimentos advindos da Teoria Gerativo-Transformacional ao ensino nem sempre foram bem-sucedidas, especialmente exercícios do tipo de montar árvores ou postular estruturas profundas. Spolsky (1990) critica os lingüistas da década de 60 e de 70 por terem vendido aos professores de línguas os exercícios estruturais ou *pattern drills*. Um contra-argumento à afirmação de Spolsky é a observação de Levy (s.d.) de que o exercício estrutural não é uma técnica 'nova', pois ela foi utilizada no século XVI – segundo este autor, há exemplos usados na *Colloquia* de Erasmo para o ensino de línguas. Discordo de Spolsky em parte, pois nenhuma pesquisa mostra se os referidos exercícios facilitam ou não a aprendizagem. Concordo com as críticas feitas ao método audiolingual por sua ênfase na estrutura e pela falta de atividades relativamente comunicativas. Não tenho conhecimento de uma pesquisa empírica que mostre que não houve com o método audiolingual nenhuma aprendizagem da língua estrangeira. Quantos alunos estudaram com o livro didático, usado nos anos 60, *English 900*? Não se deve esquecer que alguns que estudaram através do método audiolingual aprenderam a língua estrangeira; muitos professores que utilizam o método (abordagem)⁵ comunicativo hoje em dia aprenderam a língua estrangeira por via do audiolingualismo. Não nego, todavia, as limitações deste método. O papel de repetição e memorização na aprendizagem precisa ser examinado mais a fundo. A literatura especializada sobre o papel das estratégias cognitivas e metacognitivas na aprendizagem parece mostrar que o papel da memória e a utilização da repetição por parte da aprendizagem não deve ser totalmente descartada como fator importante no ensino/aprendizagem de línguas. De todo modo, a busca do método ideal no ensino de línguas é quimérica, segundo Prabhu (1990), pois diferentes métodos são "melhores" ou mais adequados para diferentes situações de ensino e a idéia de um método bom ou mau não procede.

Sem dúvida, várias aplicações da Lingüística feitas nas décadas de 70 e de 80 não foram procedentes, mas é bom lembrar que a inclusão de descrições advindas de

5. Não faço aqui distinção entre método e abordagem. (N. A.)

análises lingüísticas da gramática inglesa nos moldes da Teoria Gerativo-Transformacional enriqueceu as apresentações da gramática do ponto de vista pedagógico. Dois exemplos felizes da utilização de conhecimentos advindos são as gramáticas pedagógicas *Modern English*, de Rutherford (1975), e *The grammar book*, de Celce Murcia e Larsen-Freeman (1983).

Outro ponto de debate na área de LA é o discurso sobre a cientificidade da disciplina. O lingüista aplicado Robert Lado usa o termo 'ciência' como parte do título do seu livro *Language teaching: a scientific approach* (1957). Provavelmente todas as disciplinas apelam para o uso da palavra 'ciência', pois o termo proporciona respeitabilidade, *status*, poder econômico e legitimidade dentro e fora do mundo acadêmico. A mesma preocupação com o termo se detecta numa das disciplinas-fontes da LA: a própria Lingüística, onde houve, não muito tempo atrás, um debate bastante acirrado entre Gray (1981) e Hall (1981). Segundo Gray, alguns lingüistas norte-americanos usam o termo 'ciência' no sentido forte com a finalidade de excluir correntes ou abordagens que não agradam. Desta forma não são consideradas 'científicas' abordagens lingüísticas que prescindem de dados formais ou 'empíricos'. Estudos lingüísticos que reconhecem a natureza social e histórica da linguagem são devidamente excluídos. Gray refere-se especificamente à obra por ele escrita, intitulada *The grammatical foundations of rhetoric: discourse analysis*, trabalho esse rejeitado pelo estabelecimento lingüístico oficial norte-americano por ser "intuitivo, *ad hoc*, prescritivo – numa palavra, não científico".

Segundo Williams (1973), o termo 'ciência' se origina do latim com o significado de conhecimento ou sabedoria em geral. Shakespeare utiliza a palavra com este sentido:

... *Hath not in nature mysterie more science than I have in this ring. (All's Well That Ends Well, V, iii)*

Até o século XIX, a palavra 'ciência' mantém o significado de conhecimento geral, por exemplo, "*those seeds of science call'd his ABC*" (Cowper, 1781) e "*no science, except reading, writing and arithmetic*" (Godwin, 1794). Mas no decorrer do tempo, outros significados começaram a competir com o significado original. Observa-se que a palavra 'científico' desenvolveu o significado de rigor metodológico, prova a ser demonstrada num argumento. As expressões "método científico" e "verdade científica" tornam-se termos especializados das ciências naturais, como a Física, a Química e a Biologia. O que pode conferir cientificidade à LA é a sua postura especulativa sobre problemas pertinentes ao ensino/aprendizagem com a utilização de métodos qualitativos e/ou quantitativos.

Outro grande debate na Lingüística que se vê refletido na LA é a polêmica sobre a definição ou a própria atuação da Lingüística. O que é considerado como parte da Lingüística e o que está fora do âmbito desta disciplina? Pode-se fazer a mesma pergunta no que diz respeito à LA.

Quanto à Lingüística, Fillmore (1984) diz que alguns lingüistas preferem fazer um círculo pequeno delimitando a área de atuação do lingüista a determinados

assuntos. Mas, ainda segundo Fillmore, há outros lingüistas que preferem fazer um círculo maior, possibilitando o estudo de temas e assuntos não permitidos ou "não autorizados" na visão restrita da Lingüística. O lingüista compara a linguagem humana com uma casa enorme, repleta de quartos ou "espaços" que precisam ser pesquisados. Ele descreve este 'domicílio' com as seguintes palavras:

A casa da linguagem em que moramos é uma residência grande com muitos quartos. Nós não sabemos ainda quantos quartos nós temos ou exatamente de que tipos de móveis precisaremos. Até a casa estar completamente conhecida e mobiliada, nós devemos ser tolerantes para com os planos concorrentes para mobiliar o pequeno número de quartos nos quais passamos a maior parte de nosso tempo como moradores.

McCawley (1982) também observa que o próprio lingüista, em certos casos, nem sempre sabe definir a disciplina:

Não preste atenção às colocações do lingüista a respeito do que é o conteúdo da lingüística, pois os lingüistas não levam em consideração suas próprias afirmações a respeito do que o é.

Outro tema que recebe muita atenção é a interdisciplinaridade da LA. Vimos que Spillner (1977) e Gottwald (1977) e incluem disciplinas não-lingüísticas nos seus respectivos modelos (Figuras 1 e 2) de LA. Sharwood-Smith (1981) considera a Lingüística a disciplina-base para a LA, mas sugere que se recorra à Psicologia, especialmente à Psicologia Cognitiva, para uma busca, nas palavras dele, de uma 'transfusão'.

É bom levar em conta que nenhuma disciplina é independente ou isolada das outras; todas têm ligações e relações entre si. O termo 'interdisciplinaridades' é, no meu entender, outra *buzzword*, uma palavra na moda. Que a LA tenha várias disciplinas-fontes é, sem dúvida, salutar e enriquecedor. As disciplinas-fontes que realmente seriam consultadas por parte do lingüista aplicado dependem muito do assunto ou do tema de que ele está tratando. Se for questão da análise de dificuldades de pronúncia por parte de imigrantes ou operários turcos na Alemanha, o lingüista aplicado provavelmente recorrerá à Fonética/Fonologia. Por outro lado, se for questão de identificar dificuldades de leitura, subsídios teóricos podem ser procurados na Psicologia, na Pedagogia e na própria área da leitura. Por exemplo, num trabalho de Carrell, Pharis e Liberto (s.d.), artigo esse que versa sobre a possibilidade de utilizar estratégias para treinamento de aprendizagem em leitura em inglês como segunda língua, a bibliografia predominante pertence ao campo da leitura, Pedagogia e Psicologia Educacional. As revistas citadas no referido artigo são: *The Reading Teacher*, *Journal of Reading*, *Applied Psychological Measurement* e *Communication and Cognition*. Gomes de Matos (1990) afirma que a LA ainda está dependente demais da Lingüística. Serrani (1990) prefere considerar a LA como 'transdisciplinária' e acrescenta que "o objetivo do estudo atravessa as fronteiras das disciplinas, as quais não participam aditivamente, como meras fornecedoras de subsídios, mas cujos campos são, por sua vez, problematizados nesse cruzamento" (p. 41, grifo da autora).

Para Fish (1989) é difícil e até impossível ser interdisciplinar. Segundo este autor, os estudos interdisciplinares não devem permitir a criação de divisas ou fronteiras entre as disciplinas. Para este autor a interdisciplinaridade obriga os estudiosos a atravessar fronteiras e, ao mesmo tempo, este cruzamento de fronteiras é um ataque contra o "edifício" de hierarquia e poder que estas divisas refletem e mantêm. As disciplinas, segundo Fish, "emergem na maré de uma construção política do campo de conhecimento"; segundo o referido escritor, é impossível 'fazer' estudos interdisciplinares, isto é, *being interdisciplinary is so very hard to do*.

Cumpra observar que colocações semelhantes às de Fish se observam na área de LA. Segundo Pennycook (1989), o campo de LA, particularmente o ensino de língua inglesa, não escapa de ideologias e influências políticas. A escolha de métodos e a organização do currículo na área de ensino de língua estrangeira são construídas por pessoas que têm interesse em manter as linhas que protegem a sua autoridade e influência. O autor argumenta que é ingênuo pensar que especialistas nestas áreas agem com "uma pureza de motivos". Todo conhecimento é "interesseiro". As descobertas são sempre filtradas por necessidades sociais e educacionais; as teorias que satisfazem numa determinada situação ou contexto são devidamente 'comprovadas'.

A década de 1990 traz a apresentação de ainda mais uma revista na área, intitulada *International Journal of Applied Linguistics* (1991). Os organizadores justificam a publicação de outra revista pelo fato de que a LA tem-se ampliado bastante, por um lado, graças à influência e estímulo dos Congressos Mundiais de AILA (*L'Association Internationale de Linguistique Appliquée*) e, por outro lado, ao surgimento de novas revistas, tais como *Second Language Acquisition*, que se limitam a interesses específicos numa subárea de LA, Aquisição de Segunda Língua. Por estes motivos, a nova revista visa abrir espaço onde "vozes e interesses de todas as diferentes partes da lingüística aplicada podem ser estudados". Cumpra observar que o objeto e a meta desta nova publicação é incentivar o desenvolvimento de ainda novas subáreas dentro da LA.

Muito salutar para os estudiosos em todos os campos da LA é o aparecimento nesta nova década da série intitulada *Cambridge Applied Linguistics*, organizada por Long e Richards. A referida série consta no momento de onze títulos diferentes sobre temas diversos, tais como aprendizagem de línguas e surdez, planejamento de cursos, leitura e transferência lingüística.⁶

6. Os trabalhos norteadores são, a saber: organizada por M. Long e J. C. Richards, a série *Cambridge Applied Linguistics* tem os seguintes volumes: J. C. Alderson e A. Benetta (Orgs.), *Evaluating second language education*; P. L. Carrell et al. (Orgs.), *Interactive approaches to second language reading*; C. Chaudron, *Second language classrooms: research on teaching and learning*; S. M. Gass e J. Schachter, *Linguistic perspective on second language acquisition*; B. Harley et al. *The development of second language proficiency*; R. K. Johnson (Org.), *The second language curriculum*; B. Kroll, (Org.), *Second language Writing*; D. Nunan, *The learner-centered Curriculum*; T. Odlin, *Language transfer: cross-linguistic influence in language learning*; M. Strong, *Language development and deafness*; J. Swales, *Genre Analysis*.

O ano de 1992 marca a publicação de mais uma antologia de artigos sobre LA. O volume *Introduction to Applied Linguistics*, organizado por Grabe e Kaplan (1992), apresenta, entre artigos escritos por um grande número de lingüistas aplicados – tais como Strevens, Morley, Savignon, Davies, Judd, Biber –, um artigo de grande importância intitulado “*Becoming and Applied Linguist*”. Os autores Grabe e Kaplan sugerem um currículo em nível de pós-graduação, especificamente de doutorado, que não respeita “as divisas acadêmicas atuais”. O programa de estudos propostos visa às seguintes áreas de conhecimentos:

A – Lingüística

1. Básico
2. Formal
3. Educacional

B – Linguagem e Mente

C – Linguagem e Sociedade

D – Letramento e Instrumento

1. Básico
2. Quantitativo
3. Informática

Apesar da falta de pesquisa qualitativa em (D), a taxionomia de conhecimento merece análise, sujeita, naturalmente, a modificações em diferentes partes do mundo.

Feita esta descrição a respeito da LA nos últimos 40 anos, passo a tecer comentários sobre o segundo tema deste trabalho, especificamente, a atuação brasileira na disciplina.

2. A contribuição brasileira para a área de LA

A LA acompanha a implantação da Lingüística nas faculdades e universidades do País. Uma das primeiras pessoas a comentar a utilidade da teoria lingüística é Rodrigues (1966), que considera a LA como “todo trabalho de aplicação daqueles conhecimentos à resolução de problemas práticos ou de problemas de outras ciências” (p. 1). Na década de 70 estabelecem-se os primeiros programas de pós-graduação em Lingüística, Lingüística Aplicada e Letras no Brasil. Este país é provavelmente um dos mais privilegiados da América Latina por ter um grande número de programas de pós-graduação. Durante os vinte anos que passaram desde a fundação dos primeiros programas, tem-se neste momento uma produção bastante rica em forma de teses e dissertações. A fim de mostrar o que se tem feito, apresentarei a seguir, no Quadro 1, uma relação de algumas pesquisas na área. Peço desculpas aos leitores deste artigo

por não incluir todos os trabalhos existentes no campo. Obviamente, limitações de espaço permitem somente uma mostra da produção científica nesta área. Também devido ao fato de o meu tema restringir-se à área de Ensino de Línguas Estrangeiras no Brasil, ocorre aqui certa seleção natural.

Quadro 1 – Relação parcial de teses e dissertações na área de Linguística Aplicada: o Ensino de Língua Estrangeira nas Escolas Brasileiras e Ensino/Aprendizagem de LE

a) Dissertações de mestrado

- (i) D. N. Martins da Costa, "A língua estrangeira na escola de 1º grau: o aspecto formativo" (PUC-SP), 1986.
- (ii) A. M. Zilles Gonçalves, "Escola do livro-texto de língua estrangeira – contribuição lingüística" (UFRS), 1980.
- (iii) V. J. Leffa, "A study on the teaching of English for reading purposes in the secondary school" (UFSC), 1979.
- (iv) A. G. Barbosa, "O ensino de inglês nas Escolas Públicas do Recife – uma contextualização duvidosa" (UFPE), 1989.
- (v) H. M. de L. Bastos, "Pushing the boat from within: an analysis of historical and sociocultural factors in EFLT" (UFMG), 1988.
- (vi) M. A. C. M. B. da Silva, "Estudo diacrônico de livros brasileiros para ensino do inglês: grau de atualização frente às correntes metodológicas" (PUC-SP), 1988.
- (vii) F. R. de Araújo, "Attitudes, motivation and FL learning: research conducted at the Federal University of Paraíba" (UFPB), 1981.
- (viii) M. R. M. Figueiredo, "O avesso do bom aprendiz: uma tentativa de intervenção sistemática no processo de aprendizagem de L₂" (UNICAMP), 1989.
- (ix) E. P. N. Taddei, "A razão do ser da língua inglesa na Escola Pública de 1º Grau: teoria, metas, objetivos e avaliação de uma experiência" (PUC-SP), 1990.

b) Teses de doutoramento

- (i) A. M. Baltra, "Reading for academic purposes: an eclectic exploration into reading theories and practical classroom application" (PUC-SP), 1982.
- (ii) F. G. de Matos, "A influência de princípios de lingüística em manuais para professores de Inglês como língua estrangeira" (PUC-SP), 1977.
- (iii) H. Collins, "Compreensão oral: um estudo em língua estrangeira" (PUC-SP), 1990.
- (iv) R. M. Cruse, "O protocolo verbal na análise das estratégias comunicativas de produção: um estudo empírico" (PUC-SP), 1989.

c) Teses de doutoramento (fora do Brasil)

- (i) L. P. M. Lopes, "Discourse analysis and syllabus design: an approach to the teaching of reading" (University of London), 1986.

- (ii) J. C. P. de Almeida Filho, "The interplay of cohesion and coherence in native and non-native written academic discourse" (Georgetown University), 1984.
- (iii) M. C. Cavalcanti, "The pragmatics of foreign language readers – text interaction: key lexical items as source of potential reading problems" (University of Lancaster), 1983.
- (iv) M. I. do C. Tillo, "Teachers and pupils' attitudes towards the teaching of English in Brazil: a case study in Paraná" (University of London), 1979.
- (v) D. Braga, "Critical reading: a sociocognitive approach to selective forces in reading" (University of London), 1990.
- (vi) K. E. Nelson, "A study of the spread of English through the application of foreign language planning: a sociolinguistic survey of English language attitudes, uses and needs among brazilian university students" (Tulane University), 1985.

A contribuição brasileira para a LA é bastante rica e realmente merece um artigo separado. Um dos pioneiros da LA no Brasil é, sem dúvida, Gomes de Matos, que tem contribuído muitíssimo para a divulgação e desenvolvimento desta área no País. Na qualidade de diretor do Centro de Lingüística Aplicada do Instituto de Idiomas Yázigi, o referido professor, em conjunto com uma equipe de docentes, elaborou vários cursos de línguas, entre eles o conceituado *Conversational English Program for Adults*. Este curso recebeu os seguintes comentários de Kleiman:

Este curso, todavia, elimina variáveis que têm freqüentemente impedido o sucesso: os exercícios estruturais pseudocomunicativos mecânicos e métodos inflexíveis e técnicas. (1979)

Entre muitos trabalhos de Gomes de Matos que mostram o crescimento da LA no Brasil, se tem o artigo *From Minus to Plus: Reading Education in Brazil*, um trabalho que mapeia o interesse crescente nos estudos sobre leitura nos últimos vinte anos no País. (s.d.)

Outra pesquisadora que marca a LA no Brasil é Celani, fundadora do primeiro programa de pós-graduação do País. Atuante, em particular, na área do ensino de inglês, esta lingüista aplicada tem elaborado através dos anos um grande número de trabalhos importantes que contribuíram para a fixação de diretrizes referentes ao ensino de língua estrangeira no Brasil.⁷ Um dos trabalhos mais importantes sob a ótica da realidade brasileira é *The brazilian ESP Project: an evaluation*. (1988)

Nos últimos anos há vários trabalhos que visam explicitar uma definição de LA para um público que não conhece suficientemente a natureza da disciplina. Cavalcanti (1986) se refere ao "falso equacionamento da LA com a aplicação de teorias lingüísticas". Mostrei na primeira parte as dificuldades com algumas das "aplicações". A meu ver, todavia, o período de aplicação de teorias lingüísticas foi realmente neces-

7. Dois trabalhos desta ordem são: M.A.A. Celani, "Uma abordagem centrada no aluno para os cursos de Letras" e "Considerações sobre a disciplina 'Prática de Ensino de Inglês' nos cursos de licenciatura", *Cadernos PUC/EDUC*, v. 17, org. M.A.A. Celani. São Paulo: EDUC, 1984.

sário no início da disciplina. O período de aplicações e o entusiasmo com novas teorias lingüísticas podem ser vistos como uma passagem ou momento no desenvolvimento da LA. Apesar dos excessos e fracassos do método audiolingual, o estruturalismo contribuiu para a Teoria de Ensino de Línguas; alguns exemplos concretos desta contribuição são: o ensino de fonética e fonologia, a análise contrastiva⁸ e a elaboração de dicionários de aprendizes. O trabalho de Hornby (1962) na área de lexicografia não deve ser esquecido num relato da história de ensino de línguas.

Hoyos-Andrade (1987), numa crítica às colocações de Cavalcanti (1986), comenta que essa autora dá a impressão que a LA “não é bem nem lingüística nem aplicada” (p. 6). Spillner (1977), entre outros, também se mostra preocupado com a ambigüidade do termo LA. Cumpre, todavia, lembrar que a Lingüística Geral é uma das disciplinas básicas da LA, mas há muitas outras, tais como Psicologia, Pedagogia, Sociologia, Antropologia e Estatística. Cavalcanti está realmente preocupada com as aplicações nem sempre felizes da lingüística, isto é, com o ‘apliquês’, em particular, as tentativas de ‘aplicar’ diretamente a Teoria Gerativo-Transformacional ao ensino de línguas.

Bohn (1988), num artigo excelente em que apresenta uma descrição pormenorizada do campo da LA, descreve os rumos desta disciplina para os anos 90 no Brasil. Segundo ele,

a auto-determinação da LA, como ciência, depende da capacidade de os lingüistas aplicados integrarem os princípios de lingüística teórica e das outras ciências alimentadoras, desenvolverem uma metodologia e estabelecerem princípios próprios que a diferenciem das outras ciências.

É justamente o desenvolvimento de uma metodologia e o estabelecimento de princípios próprios aos quais Bohn se refere que são o alvo central do trabalho de Cavalcanti.

O artigo de Cavalcanti (1986) é importante porque reflete o ponto de vista de muitos lingüistas aplicados brasileiros, no momento, a respeito da disciplina – uma visão da LA como um campo não subordinado a determinadas disciplinas, livre de aplicações *ad hoc*, nem sempre procedentes. A autora resume o campo nestes termos:

Vejo o seu foco de ação como sendo a interação face a face (conversação) ou ouvido-a-ouvido (conversação telefônica) e a interação à distância mediada pelo texto.

Esta visão de fato corre o risco de excluir alguns dos trabalhos em LA apresentados nos Congressos de AILA. Moita Lopes (1990), por exemplo, considera que a definição da LA baseada no que se apresenta nos Congressos de AILA é abrangente demais e “pouco esclarecedora”.

8. O livro de R. Lado *Linguistics across cultures: Applied Linguistics for language teachers*. (Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1957) foi traduzido para o português com o título *Introdução à Lingüística Aplicada*, tradução infeliz, a meu ver, pois o título em português dá a impressão de que Lingüística Aplicada é equivalente à análise contrastiva e o ensino de línguas estrangeiras. O campo, como tentei mostrar acima, é muito mais abrangente. Para um apanhado geral de LA e o ensino de português como língua pátria, consulte Schmitz (1991).

O autor considera necessário um trabalho no contexto brasileiro sobre LA para esclarecer "o(s) paradigma(s) sob o(s) qual(is) atua(m)", isto é, com o intuito de "refinar modos de se realizar pesquisas em LA". Moita Lopes, de fato, especifica os novos rumos da LA no País – segundo este lingüista aplicado, as pesquisas na área se assemelham às pesquisas feitas nas ciências em geral. Procedente é o comentário baseado numa colocação de van Lier (1988) de que a LA possa contribuir para os estudos da linguagem em geral, isto é, no que diz respeito às maneiras em que os indivíduos aprendem as L_1 e as L_2 . Creio que as várias hipóteses levantadas no campo de Aquisição de Segunda Língua, por exemplo, estão contribuindo para um conhecimento mais aprofundado do comportamento lingüístico do ser humano. Moita Lopes considera importante para o progresso da LA o desenvolvimento de pesquisas qualitativas de tipo etnográfico e interpretativo. Outros preferem pesquisas paramétricas ou quantitativas (cf. Cook, 1986). De todo modo, a variedade de metodologias de pesquisa é benéfica para a LA. (cf. Chaudron, *Second Language Classroom: Research on Teaching and Learning*)

Almeida Filho (1990), outro lingüista aplicado brasileiro preocupado com o papel da LA no País, afirma que a disciplina "está apenas se iniciando no Brasil". Para ele, nenhuma disciplina confere cientificidade à LA, mas acrescenta que a LA está "visceralmente ligada à pesquisa científica para evoluir no terreno teórico". Preocupado com as rivalidades institucionais que ocorrem no mundo acadêmico, Almeida Filho observa que o lingüista aplicado não deve sentir-se inadequado por não ter um conhecimento especializado de Lingüística, pois o problema desaparece se ele tiver um conhecimento específico dessa ciência-fonte em conjunto com outras ciências 'contribuintes'. A mescla de conhecimentos depende do problema que se estuda no momento.

Almeida Filho observa muito bem que um estudo teórico sobre topicalização e ordem frasal em português da autoria de Pontes (1986) tem grande relevância para o ensino desta língua; todavia, os dados apresentados precisam ser 'traduzidos', isto é, encaminhados para a solução de um problema prático específico e apresentado em material didático.

Preocupada com o espaço político-acadêmico que a LA precisa conquistar para desenvolver seu trabalho no Brasil, Kleiman (1990) considera imprescindível o aumento do número de pesquisas na área de língua materna, área essa ainda carente de teses e dissertações. Os objetivos ou linhas de pesquisa de LA para esta lingüista aplicada são (i) estudos sobre o processo de aprender, (ii) questões relativas à interação em estabelecimentos de ensino, (iii) questões que decorrem do insucesso com respeito à alfabetização e a letramento e (iv) ensino bilíngüe.

Em 1988 foi publicada a primeira coletânea de artigos escritos por especialistas brasileiros ou estrangeiros residentes no País. Intitulado *Tópicos de Lingüística Aplicada: o ensino de línguas estrangeiras* e organizado por H. Bohn e P. Vandresen (1988), o referido volume contém 17 artigos voltados para diferentes aspectos de LA, tais como: "Análise contrastiva", "Aquisição de Segunda Língua", "Leitura", "Com-

preensão da linguagem escrita", "Avaliação de materiais" e "Metodologia de Ensino de Línguas". Os organizadores apresentam "questões para debate" para todos os artigos do livro. Este é um dos muitos pontos positivos desta obra que a torna de grande utilidade para cursos de graduação, extensão e especialização.

Cabe observar que existem três outras fontes brasileiras importantes em LA: as revistas *Trabalhos em Lingüística Aplicada* (DLA, IEL, UNICAMP), *The Specialist* (PUC-SP) e DELTA (ABRALIN), revista de excelente nível onde se publicam também artigos nesta área.

Feitos os meus comentários a respeito da contribuição brasileira para a LA, concluo que a disciplina está desenvolvendo um conjunto de conhecimentos pertinentes para a reforma de ensino de línguas e para a mudança da visão do próprio professor de seu papel na sala de aula. Pormenorizando este ponto, observa-se, em primeiro lugar, o trabalho feito sobre introspecção no ensino nos moldes de Faerch e Kasper e, em segundo lugar, a pesquisa realizada sobre o discurso na sala de aula conforme as propostas de Allwright e, finalmente, a pesquisa etnográfica formulada por Erickson.⁹ Nesta década, esperamos ter trabalhos originais de lingüistas aplicados brasileiros voltados, nos moldes de Cavalcanti e Moita Lopes (1990), para uma verdadeira reorganização do ensino de línguas e de treinamento de professores no País.

SCHMITZ, J. R. Applied linguistics and the teaching of second languages in Brazil. *Alfa*, São Paulo, v. 36, p. 213-236, 1992.

- **ABSTRACT:** *The purposes of this paper is to present a survey of studies in Applied Linguistics and Language Teaching in the world and also in Brazil. The author concludes that the discipline is developing many lines of research with contributions in the area of teaching/learning foreign language in addition to other areas such as mother tongue instruction, bilingual education, translation and literacy. In the course of this paper the state of the art of Applied Linguistics is highlighted in Brazil; this area is reaching maturity after some 20 years of activity.*
- **KEYWORDS:** *Applied Linguistics; Generative Transformation Theory; language learning; fossilization; interlanguage; contrastive analysis; acquisition.*

9. Os trabalhos norteadores são: D. Allwright, *Strategies in the language classroom*. London: Longman, 1988; C. Faerch e G. Kasper. *Strategies in interlanguage communication*. London: Longman, 1983; F. Erickson. "What makes School Ethnography. 'Ethnography'?" *Anthropology and Education*, v. 5, n. 1, Spring 1984, p. 51-66.

Referências bibliográficas

- ALLEN, J. P. B., CORDER, S. P. (Org.) *Reading for Applied Linguistics*. London: Oxford University Press, 1973. v. 1.
- ALLEN, J. P. B., DAVIES, A. (Org.) *Papers in Applied Linguistics*. London: Oxford University Press, 1975. v. 2.
- _____. *Techniques in Applied Linguistics*. London: Oxford University Press, 1974. v. 3.
- _____. *Testing and experimental methods*. London: Oxford University Press, 1975a.
- ALMEIDA FILHO, J. C. P. Maneiras de compreender Linguística Aplicada. 1990. (Manuscrito)
- ANTHONY, E. M. Toward a redefinition of Applied Linguistics. In: Kaplan, R. (Org.). *On the scope of Applied Linguistics*. Rowley: Newbury House, 1980.
- BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1933.
- BOHN, H., VANDRESEN, P. (Org.) *Tópicos de Linguística Aplicada: o ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: UFSC, 1988.
- BUCKINGHAM, T., ESKEY, D. E. Toward a definition of Applied Linguistics. In: KAPLAN, R. (Org.) *On scope of Applied Linguistics*. Rowley: Newbury House, 1980.
- CARREL, P. L., PHARIS, B. G., LIBERTO, J. C. Metacognitive strategy training for ESL reading. *TESOL Quarterly*, v. 23, n. 4, p. 19. s.d.
- CAVALCANTI, M. C., MOITA LOPES, L. P. Implementação de pesquisa na sala de aula de línguas no contexto brasileiro, Ms. x ENPULI, 1990.
- CAVALCANTI, M. C., A propósito da Linguística Aplicada. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, n. 7, p. 5-12, 1986.
- CELANI, M. A. A. et al. *The brazilian ESP Project: an evaluation*. São Paulo, EDUC, 1988.
- CELCE MURCIA, M., LARSEN-FREEMAN, D. *The grammar book: an ESL/EFL teacher's course*. Cambridge: Newbury House, 1983.
- CHOMSKY, N. *Noam Chomsky on the generative enterprise: a discussion with Riny Huybregts and Henk van Riemsdijk*. Dordrecht: Foris Publications, 1981.
- CHOMSKY, N. *Introduction to Paul Roberts english syntax*. New York: Harcourt Brace and World, 1964.
- CHOMSKY, N. *Aspects of a Theory of Syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.
- COOK, V. *Experimental approaches to second language learning*. Oxford: Pergamon Institute of English, 1986.
- CORDER, S. P. *Introducing Applied Linguistics*. Essex: Penguin, 1973.
- COURCHÊNE, R. The history of the term applied in Applied Linguistics. In: CONGRÉS DE L'ASSOCIATION INTERNATIONALE DE LINGUISTIQUE APPLIQUÉE, 1981, Quebec. Actes... Quebec: Les Presses de l'Université Laval, 1981.
- CRYSTAL, D. *Directions in Applied Linguistics*. New York: Academic Press, 1981.
- FILLMORE, C. J. Some thoughts on the boundaries and components of linguistics. In: BEVER, T. G., CARROLL, J. M., MILLER, L. A. (Org.) *Talking minds: the study of the cognitive sciences*. Cambridge: MIT Press, 1984.

- FISH, S. Being interdisciplinary is so very hard to do. *PMLA*, 1989.
- FRAWLEY, W. E., LANTOLF, J. Second language discourse: a Vygotskyan perspective. *Applied Linguistics*, v. 6, n. 1, p. 19-44, Spring 1985.
- GOMES DE MATOS, F. From minus to plus: reading education in Brazil. In: ELER, W., HLADCZCEK, J. (Org.) *International handbook of reading education*. New York: Greenwood Press. (No prelo)
- _____. Sociopolitical views of Applied Linguistics. *Issues in Applied Linguistics*. Los Angeles, dec. 1990.
- GOTTWALD, K. Applicational levels in Applied Linguistics. *IRAL*, v. 15, n. 1, p. 55-63, feb. 1977.
- GRABE, E., KAPLAN, R. (Org.) *Introduction to Applied Linguistics*. Reading: Addison Wesley, 1992.
- GRAY, B. Can linguistics be?: A reply to hall, *Lingua*, v. 53, p. 227-54, 1981.
- HASS, M. R. The application of linguistics to language teaching. In: KROEBER, A. (Org.) *Anthropology today*. Chicago: University of Chicago Press, 1953.
- HALL, R. Can linguistics be a science? *Lingua*, v. 53, p. 221-6, 1981.
- HJELMSLEV, L., ULDALL, H. J. *An outline of glossematics*. Copenhagen: Travaux du Cercle Linguistique de Copenhagen, 1957.
- HORNBY, A. S. et al. *The advanced learner's dictionary of current English*. London: Oxford University, 1962.
- HOYOS-ANDRADE, R. E. *Linguística e Ensino de Português*. Londrina: CELLIP, 1987.
- INTERNATIONAL JOURNAL OF APPLIED LINGUISTICS. v. 1, n.1, 1991.
- KACHRU, B. World Englishes and applied linguistics. *Studies in the Linguistics Sciences*, v. 19, n. 1, p. 127-52, Spring 1989.
- KACHRU, Y. Applied linguistics and foreign language teaching: A non-western perspective. *Studies in the Linguistics Sciences*, v. 19, n. 1, p. 127-52, Spring 1989.
- KANDIAH, T. The transformational challenge and the teacher of English. *Language Learning*, v. 20, n. 2, p. 151-82, dec. 1970.
- KAPLAN, R. B. (Org.) *On the scope of Applied Linguistics*. Rowley: Newbury House, 1980.
- KLEIMAN, A. *Linguística Aplicada: aplicação da linguística ao ensino de línguas no Brasil*, 1990. (No prelo)
- _____. Review of CEP (Conversational English Program for Adults). *Creativity: New Ideas in Language Teaching*, mar./may, 1979.
- KRASHEN, S. *The input hypothesis: issues and implications*. New York: Longman, 1975.
- LADO, R. *Linguistics across cultures: Applied Linguistics for language teachers*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1957.
- LAKOFF, R. Transformational grammar and language teaching. *Language Learning*. v. 119, n. 1/2, p. 117-40, jan. 1969.
- LAMENDELLA, J. T. On the irrelevance of Transformational Grammar to second language pedagogy. *Language Learning*, v. 19, n. 3/4, p. 235-70, dec. 1969.
- Language learning – Instructions for Contributors*. v. 39, n. 3, 1989.

- LEVY, D. *Second language teaching*. Montreal: McGill University, s.d.
- LIER, L. van. *The classroom and the language learner: ethnography and second language classroom research*. London: Longman, 1988.
- MALMBERG, B. Applied linguistics. *IRAL*, v. 1, p. 111-2, 1967.
- MCCAWLEY, J. How far can you trust a linguist? In: SIMON, T. V., SCHOLLES, R. J. et al. *Language, mind and brain*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1982.
- McLaughlin, B. Conscious 'versus' unconscious learning. *TESOL Quarterly*, v. 24, n. 4, 1990.
- MOITA LOPES, L. P. Afinal, o que é Lingüística Aplicada? (Manuscrito). (Trabalho lido no INPLA – Intercâmbio de Pesquisa em LA –, PUC-SP, novembro 1990).
- NEWMAYER, F. J. On applicability of Transformational Generative Grammar. *Applied Linguistics*, v. 3, n. 2, p. 89-120, 1982.
- PAP, L. What do we mean by applied linguistics? In: EWTON, R. W., ORNSTEIN, J. (Org.) *Studies in Language and Linguistics*. El Paso: The University of Texas, 1972.
- PENNYCOOK, A. The concept of method, interested knowledge and the problems of language teaching. *TESOL Quarterly*, v. 23, n. 24, 1989.
- PONTES, E. S. L. *Sujeito: da sintaxe ao discurso*. São Paulo: Ática, 1986.
- PRABHU, N. S. There is no best method – why? *TESOL Quarterly*, v. 24, n. 2, Summer 1990.
- PRESTON, D. R. *Sociolinguistics and second language acquisition*. Oxford: Basil Blackwell, 1989.
- RITCHIE, W. Some implications of Generation Grammar from the construction of courses in English as a FL. *Language Learning*, v. 18, n. 3/4, p. 111-31, July 1967.
- ROBERTS, P. *The Roberts English series: complete course*. New York: Harcourt, Brace and World, 1967.
- RODGERS, M. Development in applied linguistics and language teaching. *IRAL*, v. 27, n. 1, p. 1-18, Feb. 1981.
- RODRIGUES, A. D. Tarefas da lingüística no Brasil. *Estudos Lingüísticos*, v. 6, n. 1, p. 4-15, 1966.
- RUTHERFORD, W. E. *Modern English*. 2. ed. New York: Harcourt, Brace Jovanovich, 1975. 2 v.
- SCHMITZ, J. R. Lingüística Aplicada e o Ensino de Português como língua materna no Brasil. *Revista Internacional da Língua Portuguesa*, v. 4, Jan. 1991.
- SERRANI, S. M. Transdisciplinaridade e discurso em Lingüística Aplicada. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, v. 16, Jul./dez. 1990.
- SHARWOOD-SMITH, M. Applied linguistics and the psychology of instruction: a case for transfusion? In: RUTHERFORD, W., SHARWOOD-SMITH, M. (Org.) *Grammar and Second language teaching*. New York: Harper and Row, 1981.
- SLAMA-CAZACU, T. Theoretical prerequisites for a contemporary Applied Linguistics. In: BRAIN, B. (Org.) *The sociogenesis of language and human conduct*. New York: Plenum Press, 1983.
- SPILLNER, B. On the theoretical foundation of Applied Linguistics, *IRAL*, v. 15, n. 2, May 1977.
- SPOLSKY, B. Introduction to a colloquium: The scope and form of a theory of second language learning. *TESOL Quarterly*, v. 24, n. 4, p. 606-16, Winter 1990.
- VOEGLIN, C. F., HARRIS, Z. S. The scope of linguistics. *American Anthropologist*, v. 49, p. 586, 1947.

- VYGOTSKY, L. *Mind in society*. Cambridge: Harvard University Press, 1978.
- WARDHAUGH, R., BROWN, H. D. (Org.) *A survey of Applied Linguistics*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1972.
- WARDHAUGH, R. *Topics in Applied Linguistics*. Reading: A saber??? 1974.
- WIDDOWSON, H. C. *Explorations in Applied Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1979.
- WILLIAMS, R. *Keywords: a vocabulary of culture and society*. New York: Oxford University Press, 1973.